Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Geociências
Bacharelado em Geografia

JÚLIA ALVES SARTORI

Lugar e espaço vivido na obra Mar Morto, de Jorge Amado

Porto Alegre

2023

JÚLIA ALVES SARTORI

Lugar e espaço vivido na obra Mar Morto, de Jorge Amado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Michele Lindner

Porto Alegre

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Sartori, Júlia Alves
Lugar e espaço vivido na obra Mar Morto, de Jorge Amado / Júlia Alves Sartori. -- 2023.
47 f.
Orientadora: Michele Lindner.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Geografia. 2. Mar Morto. 3. Jorge Amado. 4. lugar. 5. espaço vivido. I. Lindner, Michele, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

JÚLIA ALVES SARTORI

Lugar e espaço vivido na obra Mar Morto, de Jorge Amado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Michele Lindner

Aprovado em: Porto Alegre, 17 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Drª Michele Lindner (Orientadora)
UFRGS

Drª Aline de Lima Rodrigues
UFRGS

Drª Claudia Luísa Zeferino Pires
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Rosângela e Fábio, por tudo que fizeram e fazem por mim e por terem me apoiado a ingressar no curso de Geografia.

Às minhas avós, Ereny, por sempre manifestar alegremente seu desejo de me ver formada, e Helena Odete, por ter me incentivado a desenvolver o hábito da leitura desde criança, diversas vezes me presenteando com livros.

A todos os meus professores e professoras da graduação, que me inspiraram e continuamente despertaram ainda mais o meu fascínio pela Geografia. Em especial àqueles que me orientaram na iniciação científica, na extensão e no TCC: Eliana Lima da Fonseca, Marcos Wellausen Dias de Freitas, Cláudia Luisa Zeferino Pires e Michele Lindner, contribuindo enormemente para o meu desenvolvimento enquanto Geógrafa. Por esses e outros guardo um carinho enorme.

Aos meus colegas e amigos que entraram comigo na Geografia em 2018/1 e também a todos os outros colegas e amigos da Geografia que fiz no caminho, que compartilharam comigo momentos, risadas, angústias, trabalhos, saídas de campo e outros.

Aos meus amigos de fora da Geografia, que me ajudaram em diversos momentos a desopilar e tirar a cabeça dos compromissos e das ansiedades da faculdade.

Ao DAGE, por ser meu *lugar* e minha segunda casa durante os semestres presenciais da minha graduação.

À biblioteca do IGEO, por ter me oportunizado acessar gratuitamente quase toda a bibliografia necessária para realização deste trabalho e à UFRGS, não só pelo ensino público de qualidade, mas também por ter me propiciado uma vivência de muitos aprendizados dentro e fora da sala de aula.

Xilogravura de Oswaldo Goeldi. Mar Morto, 2004.

Saveiro partiu de noite foi
Madrugada não voltou
O marinheiro bonito
Sereia do mar levou
É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar

Dorival Caymmi e Jorge Amado - É Doce Morrer no Mar
Disponível em: https://youtu.be/dpmG5fd63cg

RESUMO

Este trabalho explorou a relação entre a Geografia Fenomenológica e a literatura nacional, utilizando, para isso, a obra Mar Morto, de Jorge Amado. A partir disso, o objetivo do trabalho foi abordar os conceitos de lugar e espaço vivido na Geografia através do romance selecionado, que trata da vida e das histórias de toda gente da beira do cais de Salvador. A obra foi considerada no seu todo, mas, para a realização da análise, foram escolhidos trechos representativos que expressassem os sentimentos e simbolismos que os personagens atribuem aos seus lugares e espaços vividos. Para embasar essa análise, foi levantada uma bibliografia sobre os conceitos centrais do trabalho, composta primordialmente por geógrafos das abordagens humanista, cultural e fenomenológica. Como resultado, a partir de uma discussão que relaciona os trechos selecionados da obra literária e a base teórica apresentada, pôde-se concluir que o espaço vivido e o lugar para os principais personagens da narrativa é o cais, o espaço aquático, o horizonte do mar, seus saveiros e os mares em que eles navegam. A relação deles com este lugar, que consideram um lar e um amigo, vai para além do profano, atingindo também o sagrado através da devoção deles à Iemanjá, divindade associada ao mar. Assim, foi possível fazer uma análise geográfica da obra, traduzindo as expressões da experiência cotidiana dos personagens em conceitos da Geografia.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Jorge Amado; lugar; espaço vivido.

ABSTRACT

This work explored the relation between Phenomenological Geography and national literature, using, for this, the literary work Sea of Death (Mar Morto), by Jorge Amado. From this, the objective of the work was to approach the concepts of place and lived space in Geography through the selected novel, which is about the life and stories of all people of the pier in Salvador. The work was considered as a whole, but for the analysis, representative excerpts were chosen that expressed the feelings and symbolism that the characters attribute to their places and lived spaces, in this case, the pier and the sea. To support this analysis, a bibliography on the central concepts of the work was collected, primarily composed of geographers from the humanist, cultural and phenomenological approaches. As a result, based on a discussion that relates the selected excerpts from the literary work and the theoretical basis presented, it can be concluded that the lived space and the place for the main characters of the narrative is the pier, the aquatic space, the horizon of the sea, their sailboats and the seas in which they sail. Their relationship with this place, which they consider a home and a friend, goes beyond the profane, also reaching the sacred through their devotion to Iemanjá, a deity associated with the sea. Thus, it was possible to carry out a geographical analysis of the work, translating the characters' everyday experience expressions into Geography concepts.

Keywords: Geography; Literature; Jorge Amado; place; lived space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Primeira edição de O país do Carnaval, Jorge Amado, 1931……...25
Figura 2 — Cartaz da campanha de Jorge Amado para deputado federal, 1945……26
Figura 3 — Porto dos Saveiros, Salvador, anos 50……28
Figura 4 — Capa de Mar Morto, Jorge Amado, Editora Record, 2004, 85ª edição…29
Figura 5 — Nuvem de palavras das palavras mais recorrentes nos trechos escolhidos……...32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Síntese das ações a serem adotadas no protocolo do estudo de caso……..16
Quadro 2 — Etapas metodológicas realizadas……17
Quadro 3 — Objetivos específicos do trabalho e como foram atingidos……..18
Quadro 4 — Uma matriz dos possíveis significados do espaço como palavra-chave……22
Quadro 5 — Trecho 1……33
Quadro 6 — Trecho 2……33
Quadro 7 — Trecho 3……34
Quadro 8 — Trecho 4……..35
Quadro 9 — Trecho 5……..36
Quadro 10 — Trecho 6……36
Quadro 11 — Trecho 7……37
Quadro 12 — Trecho 8……37
Quadro 13 — Trecho 9……38
Quadro 14 — Trecho 10……..38
Quadro 15 — Trecho 11……..38
Quadro 16 — Trecho 12……..39
Quadro 17 — Trecho 13……..40
Quadro 18 — Trecho 14……..40
Quadro 19 — Trecho 15……..40
Quadro 20 — Trecho 16……..41

SUMÁRIO

1. Introdução..... 11
2. Metodologia..... 15
3. Referencial teórico..... 19
3.1. Geografia Fenomenológica e das Representações Sociais..... 19
3.2. O lugar..... 20
3.3. O espaço vivido..... 21
4. Jorge Amado e o Mar Morto..... 25
5. Análise da obra..... 32
5.1. Trechos e discussão..... 33
6. Considerações finais..... 43
Referências..... 44

1. INTRODUÇÃO

A Geografia enquanto área de estudo pode se ocupar de diversos assuntos e sua preocupação com o espaço vai desde estudos e descrições sobre aspectos físicos da Terra nas mais diversas escalas temporais e espaciais até estudos de conceitos mais abstratos como os de região, paisagem, território, entre muitos outros.

Na trajetória da história do pensamento geográfico, a Geografia foi se movendo por fases onde predominaram certas ideias e certos métodos, onde uma fase não decretou o fim da outra, mas ditou discussões relevantes para o campo geográfico da época. Desde uma fase mais empírica e descritiva, passou por uma fase mais quantitativa, apoiada na matemática, na estatística e na cartografia, depois chegando numa fase crítica, com mais influências marxistas e econômicas, até chegar em uma fase mais humanista e cultural.

Os conceitos de lugar e espaço vivido passaram a ganhar relevância na Geografia a partir da década de 1970, com a ascensão das abordagens cultural e humanista e com a aproximação da abordagem fenomenológica, advinda da filosofia. Essas abordagens tiraram o foco da geografia descritiva e quantitativa e passaram a destacar temas como a dimensão existencial da experiência geográfica, a percepção e a experiência do mundo, o sentido de lugar, de identidade, entre outros (MARANDOLA JR, 2014).

Uma das primeiras aproximações entre a Geografia e a abordagem fenomenológica, mais tarde buscada também por outros autores da Geografia, foi feita pelo francês Eric Dardel (1952), onde ele propôs a noção de geograficidade, que:

> [...] diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 494).

Segundo Dardel (1952, p. 2), a etimologia da palavra geografia, além de denotar “descrição” da Terra, também sugere que a Terra é um texto a ser decifrado e, para ele, “o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino". Nesse sentido, Dardel (1952, p. 7) afirma que “o geógrafo que mede e calcula vem atrás: à

sua frente, há um homem a quem se descobre a "face da Terra"" e essa descoberta da Terra e dos seus signos, como ele mesmo sugere, não vem a partir da análise e quantificação, mas sim a partir da experiência geográfica, do espaço vivido, do lugar, etc.

Como aponta Merleau-Ponty (1999, p. 3):

> Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele.

Essa expressão primeira apontada por Merleau-Ponty (1999), a experiência vivida, se dá a partir do lugar e do espaço vivido, que são os nossos espaços cotidianos, a base geográfica de onde experienciamos o mundo. "Antes de toda escolha, existe esse "lugar" que não pudemos escolher, onde ocorre a "fundação" da nossa existência terrestre e de nossa condição humana" (DARDEL, 1952, p. 41). Desde o local onde passamos nossa infância até os lugares que escolhemos frequentar depois de adultos, os lugares são espaços aos quais atribuímos sentidos e sentimentos e pelos quais também somos permeados, visto que influenciam na formação de nossas identidades.

Os conceitos de lugar e espaço vivido são então carregados por percepções subjetivas, pelas significações individuais e coletivas advindas da experiência e atribuídas à materialidade do entorno. O lugar é a base afetiva da experiência geográfica de cada um e “está para a dimensão cultural-simbólica assim como o território está para a dimensão política” (SOUZA, 2013, p. 115).

Dessa forma, a relação entre Geografia e Literatura apresentada neste trabalho não buscou analisar, a partir de um livro, o que ele traz sobre a descrição física do local onde se passa sua história, mas sim a expressão afetiva e simbólica que os personagens apresentam sobre seus lugares e espaços vividos.

A Literatura é cúmplice da Geografia e há muito contribui para a disseminação de conhecimentos geográficos através daquilo que os romances trazem sobre as descrições das paisagens e dos costumes regionais que ambientam as narrativas. Mas foi a partir das contribuições humanistas e fenomenológicas que o olhar da

Geografia sobre a Literatura deixou de ser exclusivamente voltado à descrição da paisagem e passou a se preocupar também com a percepção da paisagem, com o sentido de lugar, com as identidades e os sentimentos topofílicos e topofóbicos expressos nas obras literárias.

Assim, a escolha do tema deste trabalho se deu com base no desejo de explorar a abordagem fenomenológica dentro da Geografia, partindo dos conceitos de lugar e espaço vivido e das subjetividades que permeiam o ser e o estar no mundo, com suas diferenças a partir das localizações geográficas, das paisagens e da cultura que acompanham a vivência de cada um. Escolher trabalhar isso a partir de uma obra literária se deu principalmente pelo interesse de explorar as possíveis relações entre a Geografia Fenomenológica e a literatura nacional e pela possibilidade de entremear ciência e arte.

O livro escolhido como objeto de análise foi o romance Mar Morto, de Jorge Amado, publicado originalmente em 1936. A obra trata da vida dos marinheiros, dos canoeiros, dos condutores de saveiros e de toda gente do cais de Salvador, de sua relação com o mar e com Iemanjá e de seus destinos atados àquele lugar. Dentro dessa perspectiva, o problema da pesquisa foi responder à pergunta: Qual o espaço vivido e o lugar para os personagens da narrativa e como esse espaço vivido e esse lugar são expressos por esses sujeitos?

Sobre a motivação mais específica por trás da escolha da obra, esta se deu por uma vontade de me debruçar sobre as percepções, representações e significações que o homem atribui ao mar e quais sentimentos surgem a partir disso. Ademais, também influíram na escolha os meus próprios sentimentos de afeição pelo mar, pela Bahia e pela escrita de Jorge Amado, considerado um dos maiores autores nacionais.

Para além das motivações pessoais, a escolha de trabalhar a Geografia através da literatura também foi motivada pelo fato de o livro ser uma forma mais acessível (financeiramente e logisticamente falando) de conhecer e estudar uma realidade (mesmo que permeada pela ficção) relativamente distante, ainda mais levando em consideração que a ideia de tema para o trabalho começou a ser germinada em tempos pandêmicos, de isolamento social e impossibilidade de realização de trabalhos de campo.

Além disso, o tema proposto adquire relevância na medida em que visa enfatizar a importância do pensar e do olhar geográfico sobre a experiência

cotidiana. Trabalhos como este são importantes para manter acesas as discussões epistemológicas sobre a Geografia e seus conceitos, para inspirar outras produções acadêmicas dentro da abordagem fenomenológica, cultural e humanista ou na exploração das relações entre Geografia e Literatura, e para evitar a redução do conhecimento geográfico a práticas tecnicistas.

Desta forma, o trabalho teve como objetivo geral analisar como o espaço vivido e o lugar são retratados no romance Mar Morto de Jorge Amado. Para alcançar esse objetivo, buscou-se através dos objetivos específicos:

1. Apresentar os conceitos de espaço vivido e de lugar na Geografia;
2. Identificar trechos da obra Mar Morto que expressam os conceitos de espaço vivido e de lugar;
3. Discutir a relação entre os trechos selecionados e os conceitos centrais do trabalho;
4. Apontar conclusões sobre qual o espaço vivido e o lugar dos sujeitos da narrativa.

A seguir, depois desta seção introdutória, no capítulo 2 deste trabalho é apresentada a metodologia utilizada para atingir os objetivos traçados, descrevendo a abordagem adotada e também o passo a passo realizado para alcançar cada objetivo específico. No capítulo 3 encontra-se o referencial teórico que serviu de base para o desenvolvimento do trabalho, aprofundando a abordagem e os conceitos norteadores da análise. No capítulo 4 temos uma contextualização da obra literária escolhida, Mar Morto, e uma breve apresentação de seu respectivo autor, Jorge Amado. No capítulo 5 consta a análise da obra em questão, onde são elencados os trechos selecionados, por sua vez discutidos a partir dos conceitos e dos autores trazidos no referencial teórico. Neste mesmo capítulo 5 começam a ser traçadas as conclusões sobre qual o espaço vivido e o lugar dos sujeitos da narrativa, conclusões estas que por sua vez são complementadas pelas considerações finais apresentadas no capítulo 6.

2. METODOLOGIA

Em função da abordagem fenomenológica e das representações sociais adotada no trabalho e do fato de que os resultados pretendidos tinham caráter subjetivo, a pesquisa de caráter qualitativo foi a mais apropriada para atingir os objetivos definidos. Na pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica, “é o sujeito que cria a realidade. A verdade deixa de ser absoluta como no positivismo, e passa a ser construída a partir da realidade de cada sujeito” (NASCIMENTO, 2008, p. 155).

A pesquisa qualitativa consolidou-se como uma alternativa para as ciências humanas, onde os números e as estatísticas por vezes não são a forma mais adequada ou exclusiva de estudar determinados fenômenos e objetos. A abordagem qualitativa de pesquisa “tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa” (RAMIRES; PESSÔA, 2013, p. 25).

Devido à pesquisa qualitativa se vincular a diferentes vertentes teórico-metodológicas, seus caminhos e suas formas de execução também variam bastante. Entre as suas modalidades estão: análise de conteúdo; análise de discurso; entrevistas; história oral; grupos focais; estudo de caso; entre outras (RAMIRES; PESSÔA, 2013).

Dentro do espectro da pesquisa qualitativa, a metodologia utilizada neste trabalho foi a de estudo de caso. Essa metodologia “caracteriza-se pelo exame aprofundado de um conjunto de ações que se processam e sobre o qual se pretende mostrar como os princípios teóricos se manifestam nessas ações” (MOREIRA; LIMA, 2015, p. 46). Dessa forma, alguns autores argumentam que o “estudo de caso não é, em si, uma escolha metodológica, mas a escolha de um objeto a ser estudado” (STAKE, 1994, apud NASCIMENTO, 2008, p. 158), isso porque é o próprio caso e o tema da pesquisa que fornecem as características metodológicas que o pesquisador necessitará (MOREIRA; LIMA, 2015).

O estudo de caso é uma metodologia que pressupõe um recorte espacial local e, segundo Martins (2008, p. XI):

> Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real (pesquisa naturalística), onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a

> complexidade de um caso concreto. Mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado - problema de pesquisa -, o Estudo de Caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa.

Um quadro-síntese das etapas indicadas por Martins (2008) nos estudos de caso foi feita por Moreira e Lima (2015) e é apresentada no quadro abaixo (Quadro 1):

Quadro 1: Síntese das ações a serem adotadas no protocolo do estudo de caso

1	Permissão formal do responsável
2	Definição das questões norteadoras
3	Reflexões e ações para definir o escopo do objeto
4	Seleção de aspectos mais relevantes
5	Trabalho de campo - registro das informações
6	Sistematização e organização
7	Análise dos resultados
8	Apresentação do relatório

Fonte: Moreira; Lima, 2015.

No caso do presente trabalho, em que foi analisada uma obra literária, alguns dos passos apresentados no Quadro 1 foram desconsiderados, a começar pelo primeiro. Por se tratar de uma análise onde os sujeitos investigados são personagens fictícios, não houve necessidade de solicitação de permissão ou autorização para o estudo.

Além disso, pelo fato de a análise enfocar aspectos subjetivos, sentimentos e imaginários pessoais, o trabalho de campo, embora pudesse trazer impressões interessantes, foi dispensável, visto que as principais informações a serem registradas estavam presentes na obra, sendo mais importante as descrições dos personagens sobre os lugares e paisagens presentes na narrativa do que propriamente os aspectos físicos e materiais destes, registráveis em campo.

No entanto, as outras etapas foram sendo seguidas ao longo da elaboração do trabalho. Foram definidas as questões norteadoras na escolha do tema e do problema de pesquisa, que foram seguidas pelas reflexões para definir o escopo do

objeto, buscando entender a melhor abordagem teórica para a aproximação do objeto. Para essa abordagem teórica, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de compreender mais a fundo os conceitos escolhidos, assim como o contexto histórico em que surgiram dentro da área da Geografia. Para isso, buscou-se consultar os conceitos diretamente nas obras de seus principais autores na Geografia.

Depois, com base numa primeira leitura do romance escolhido e do referencial teórico levantado para a interpretação do objeto, foram então selecionados os aspectos mais relevantes ao trabalho. O trabalho de campo foi substituído por um aprofundamento na obra literária, que é dividida em três grandes partes e subdividida em diversos capítulos e que foi considerada no seu todo, onde registrou-se as informações que apareceram com frequência e que eram relevantes à pesquisa.

Com isso, após uma segunda leitura da obra, alguns trechos representativos do romance para o tema da pesquisa foram escolhidos. A escolha desses trechos se deu pelo fato destes expressarem, em relação ao lugar e ao espaço vivido específicos da obra, sentimentos topofílicos e/ou topofóbicos, sentimento de identificação/pertencimento, imaginários e representações, entre outros.

Depois de escolhidos, os trechos foram organizados de forma a ficarem listados não de forma cronológica ou na ordem em que aparecem no livro, mas por um encaixe lógico de coesão entre seus assuntos. Ao final, os trechos foram analisados com base nos conceitos e autores escolhidos para o referencial teórico e as conclusões sobre o espaço vivido e o lugar dos personagens foram expressas.

Após isso, as etapas realizadas foram descritas e compõem o todo deste trabalho. Dessa forma, um quadro-síntese mais representativo das etapas realizadas é o seguinte (Quadro 2):

Quadro 2: Etapas metodológicas realizadas

1	Definição das questões norteadoras (tema, problema, justificativa e objetivos da pesquisa)
2	Definição da abordagem e do referencial teórico
3	Primeira leitura da obra e seleção de aspectos relevantes
4	Segunda leitura da obra e seleção dos trechos a serem analisados
5	Sistematização e organização dos trechos escolhidos

6	Análise dos trechos
7	Elaboração do relatório

Org: Autora, 2023.

Sendo assim, os objetivos específicos do trabalho foram atingidos da seguinte forma (Quadro 3):

Quadro 3: Objetivos específicos do trabalho e como foram atingidos

Objetivos Específicos	**Resultados**
Objetivo Específico 1: Apresentar os conceitos de espaço vivido e de lugar na Geografia.	Os conceitos de espaço vivido e de lugar na Geografia foram apresentados no capítulo 3 deste trabalho, referente ao referencial teórico, resultado de um levantamento bibliográfico orientado pelas etapas 1 e 2 do Quadro 2.
Objetivo Específico 2: Identificar trechos da obra Mar Morto que expressam os conceitos de espaço vivido e de lugar.	Com base nas etapas 3 e 4 do Quadro 2 foram selecionados os trechos da obra que expressam os conceitos escolhidos. Esses trechos são apresentados no capítulo 5 deste trabalho, referente à análise da obra.
Objetivo Específico 3: Discutir a relação entre os trechos selecionados e os conceitos centrais do trabalho.	Conforme apontado nas etapas 5 e 6 do Quadro 2, os trechos selecionados foram organizados e analisados e sua relação com os conceitos centrais do trabalho está apresentada no capítulo 5 deste trabalho, referente à análise da obra.
Objetivo Específico 4: Apontar conclusões sobre qual o espaço vivido e o lugar dos sujeitos da narrativa.	A partir das etapas 6 e 7 do Quadro 2, foi possível concluir e relatar as conclusões sobre o espaço vivido e o lugar dos sujeitos da narrativa. Estas conclusões são apresentadas nos capítulos 5 e 6 deste trabalho, referentes à análise da obra e às considerações finais.

Org: Autora, 2023.

Em suma, a escolha da metodologia a ser utilizada foi orientada pelas particularidades das questões norteadoras, que levaram à realização de um estudo de caso a partir do método fenomenológico e com base em conceitos geográficos. Foi, então, a partir das questões norteadoras e da metodologia definida que se escolheu o referencial teórico para o trabalho exposto a seguir, composto principalmente por geógrafos(as) que abordam os conceitos de espaço vivido e de lugar e que utilizam a abordagem fenomenológica ou ao menos se aproximam dela.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Geografia Fenomenológica e das Representações Sociais

Até meados do século XX, os trabalhos dos geógrafos enfocavam essencialmente realidades concretas: “paisagens, campos, casas, homens, animais, vegetais, ferramentas, máquinas, carros, produtos, etc.” (CLAVAL, 2008, p. 18). Em 1947, o geógrafo norte-americano John K. Wright passou a introduzir na Geografia a ideia e a vontade de incorporar aspectos da subjetividade e da imaginação humana nos estudos geográficos (SERPA, 2019).

A partir da década de 1950, os geógrafos também começaram a se dar conta de que nem sempre é possível acessar a realidade de forma direta, tendo de acessá-la através de representações e imagens, o que fez despertar o interesse no assunto (SERPA, 2019). Em 1952, o geógrafo francês Eric Dardel (1952) lança sua obra “O homem e a terra”, trazendo a perspectiva do espaço vivido e tratando de conceitos como geograficidade, lugar e paisagem, uma obra fundamentalmente fenomenológica e que hoje é considerada como muito à frente de seu tempo, visto que a Fenomenologia passou a ser mais amplamente discutida na Geografia somente algumas décadas depois.

Na década de 1960, cresceu o interesse dos geógrafos pelos estudos das representações e do imaginário. O geógrafo norte-americano David Lowenthal revisita as ideias de Wright e propõe três temas fundamentais para os estudos geográficos: “a natureza do ambiente; *o que pensamos e sentimos sobre ele*; e como nos comportamos e alteramos o ambiente” (Lowenthal apud Serpa, 2019, grifo nosso). Em 1961, o geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan (1961) publica sua obra “Topofilia”, propondo reflexões sobre a relação emocional entre homem e natureza.

É na década de 1970, a partir dos trabalhos do geógrafo canadense Edward Relph, que a fenomenologia passa a estar mais presente nos trabalhos da Geografia. Numa tentativa de aproximação humanística da Geografia, Relph busca a fenomenologia de Husserl. A fenomenologia foi uma nova abordagem do conhecimento proposta no campo da filosofia pelo filósofo alemão Edmund Husserl no início do século XX. Para esse autor, os fenômenos não seriam apenas as coisas materiais que percebemos, mas também as coisas que existem apenas no

pensamento, e a fenomenologia seria a descrição de todos os fenômenos de todas estas realidades: materiais, naturais, ideais e culturais (SERPA, 2019).

Da década de 1970 em diante, com uma imersão mais profunda dos estudos geográficos na fenomenologia e nas representações sociais, as abordagens humanista e cultural, emergentes na Geografia naquele período, passam a se preocupar com a dimensão simbólica, subjetiva e emotiva que as representações do espaço carregam, despertando uma nova curiosidade pelo sentido dos lugares.

> Mais que um método, uma doutrina ou uma filosofia, a Fenomenologia permite o retorno às experiências e práticas espaciais primeiras, sobre as quais construímos nossas referências de mundo e lugar. Essas referências se constroem através da elaboração científica, com a criação de representações conceituais (paisagem, região, território, entre outros), *mas também na vida cotidiana, muitas vezes sem vestígio de elaboração conceitual ou mesmo de conscientização* (SERPA, 2019, p. 9, grifo nosso).

A partir desse período, então, são tecidas críticas ao caráter positivista e cientificista da Geografia, centrada em dados métricos, quantitativos, estatísticos, cartografáveis, etc. e cresce na Geografia uma valorização da sensibilidade e uma preocupação com a experiência e com a percepção do indivíduo sobre o mundo (CLAVAL, 2008). Daí em diante, alguns dos conceitos importantes da Geografia Fenomenológica passam a ser o lugar, a geograficidade, a topofilia, entre outros e, para a Geografia das Representações Sociais (trabalhada por autores como Angelo Serpa e Henri Lefebvre a partir da década de 1990), o espaço vivido. Entre os temas das pesquisas dessas abordagens encontram-se os mais diversos.

3.2. O lugar

O conceito de lugar, apesar de ser amplamente utilizado na linguagem comum como sinônimo de *local*, adquire, dentro do âmbito da Geografia, um significado mais profundo. Enquanto o *local* denota, na Geografia, um ponto geográfico ou um nível de escala geográfica de maior detalhe, o *lugar*, para o(a) geógrafo(a), é o espaço dotado de significado, intimidade e sentimento, é o espaço vivido e percebido, seja por um indivíduo ou por um grupo, que, através da familiaridade adquirida pela experiência, tornou-se lugar. Dessa forma, o *lugar* também difere-se do *espaço*. "Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. "Espaço" é mais abstrato do que "lugar". O

que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 6).

"Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco" (RELPH, 2014, p. 31). O lugar está relacionado ao que Yi-fu Tuan chama de sentimentos topofílicos e topofóbicos: a "topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 2012, p. 19), já a topofobia seria uma certa aversão ou medo associados a determinados locais. De ambas as formas, seja através de sentimentos de afeição ou de repulsa, "é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo" (MARANDOLA JR, 2014, p. 228).

Com isso, podemos perceber que o que caracteriza o lugar não é a materialidade do espaço (embora esta tenha influência na sua significação), mas os sentidos que cada indivíduo ou coletivo atribui a ele. Dessa forma, o lugar só existe pela sua conotação afetiva e simbólica com o espaço, já "um espaço material cujas relações sociais que o animavam desapareceram, se extinguiram, certamente perdeu as características que o tornavam um lugar" (SOUZA, 2013, p. 118).

Sendo o lugar a base da experiência geográfica de cada um, "o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente" (TUAN, 1983, p. 171). Ou seja, o lugar é o espaço preenchido por significações do nosso imaginário, tendo em dado momento nos oferecido a fundação para nossa experiência de mundo, influenciando a forma como percebemos o todo, o local e a nós mesmos, passando a inspirar e determinar em certo grau a forma como enxergamos e conduzimos o presente.

A escolha deste conceito para a análise do romance se deu pelo fato de que, como demonstrado nos capítulos seguintes, a obra escolhida retrata de forma categórica esse aspecto do espaço não apenas como mera ambientação, mas como lugar, como um microcosmo que é arquivo de memórias, significações e afetividades e que é inspiração para o presente e também para o futuro dos personagens.

3.3. O espaço vivido

A noção de espaço vivido, vinda da abordagem da Geografia das Representações Sociais, complementa a noção de lugar e pode ser encontrada também nos conceitos de "espaço relacional" de Harvey (2006) e de "espaços de

representação” de Lefebvre (1974, apud Harvey, 2006). Ambos autores propõem uma divisão tripartite do conceito de espaço.

Para Harvey (2006), o espaço pode ser:

> a) absoluto: é o espaço fixo, geométrico e que está aberto ao cálculo. É também o espaço dos limites territoriais administrativos e da propriedade privada; b) relativo: é o espaço de Einstein, é o espaço que depende do ponto de referência do observador, que relativiza os conceitos de perto e longe, centro e periferia, etc; e c) relacional: nele, um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto, pois esta compreensão será influenciada também por uma carga de fatores externos que são trazidos à cena pela experiência de mundo de cada um.

Para Lefebvre (1974, apud Harvey, 2006), o espaço se divide em:

> a) espaço material: o espaço da experiência, da interação tátil, do toque físico e da materialidade; b) representação do espaço: o espaço como concebido e representado, com representações abstratas que buscam ser apropriadas para as realidades materiais (palavras, gráficos, cartas, diagramas, imagens, etc.); e c) espaços de representação: o espaço vivido das sensações, da imaginação, das emoções e dos significados incorporados no modo como vivemos o dia a dia.

Devemos nos atentar então que mesmo a experiência física e material que temos do espaço é também mediada pela maneira como o imaginamos e significamos.

Harvey (2006) propõe uma matriz (Quadro 4) que relaciona essas duas proposições de divisão do espaço e que é útil para a absorção das relações entre elas:

Quadro 4: Uma matriz dos possíveis significados do espaço como palavra-chave

	Espaço material (espaço experimentado)	**Representações do espaço (conceitualizado)**	**Espaços de representação (espaço vivido)**
Espaço absoluto	Muros, pontes, portas, solo, teto, ruas, edifícios, cidades, montanhas, continentes, extensões de água, marcadores territoriais, fronteiras e barreiras físicas, condomínios fechados.	Mapas cadastrais e administrativos; geometria euclidiana; descrição de paisagem; metáforas do confinamento, espaço aberto, localização, arranjo e posição (comando e controle relativamente	Sentimentos de satisfação em torno do círculo familiar; sentimento de segurança ou encerramento devido a confinamento; sentimento de poder conferido pela propriedade, comando

		fáceis) – *Newton e Descartes*	e dominação sobre o espaço; medo de outros que “não são dali”.
Espaço (tempo) relativo	Circulação e fluxo de energia, água, ar, mercadorias, povos, informação, dinheiro, capital; acelerações e diminuições na fricção da distância.	Cartas temáticas e topológicas (ex: o sistema de metrô de Londres); geometrias e topologias não euclidianas; desenhos de perspectiva; metáforas de saberes localizados, de movimento, mobilidade, deslocamento, aceleração, distanciamento e compressão do espaço-tempo (comando e controle difíceis requerendo técnicas sofisticadas). *Einstein e Riemann*	Ansiedade por não chegar na aula no horário; atração pela experiência do desconhecido; frustração num engarrafamento; tensões ou divertimentos resultantes da compressão espaço-tempo, da velocidade, do movimento.
Espaço (tempo) relacional	Fluxos e campos de energia eletromagnética; relações sociais; superfícies econômicas e de renda potenciais; concentrações de poluição; potenciais de energia; sons, odores e sensações trazidas pelo vento.	Surrealismo; existencialismo; psicogeografias; ciberespaço; metáforas de incorporação de forças e de poderes (comando e controle muito difíceis – teoria do caos, dialética, relações internas, matemáticas quânticas) – *Leibniz, Whitehead, Deleuze, Benjamin*	Visões, fantasmas, desejos, frustrações, lembranças, sonhos, fantasmas, estados psíquicos (ex: agorafobia, vertigem, claustrofobia)

Fonte: Harvey, 2006.

Para compreender o espaço vivido, nos interessa principalmente os exemplos da última linha e da última coluna do quadro acima (Quadro 4), referentes ao “espaço (tempo) relacional” de Harvey e ao “espaço de representação (espaço vivido)” de Lefebvre. Todos eles trazem noções subjetivas de espaço e a maioria apresenta sentimentos e sensações perante a ele.

Na definição de espaço relacional, Harvey explica que o espaço não pode ser compreendido somente com base no que existe nele naquele momento, isso se deve pelo motivo de que toda compreensão de espaço vai ser influenciada pelos fatores externos que cada observador traz, pela vivência e afetividade que ele tem

ou não com esse e com outros espaços semelhantes ou opostos e pela presença ou ausência de sentimento de pertencimento com esse determinado espaço. Esses e outros fatores influenciarão a sua leitura e compreensão do espaço e, dessa forma, o espaço relacional é o espaço que depende do observador.

Já os espaços de representação de Lefebvre são ainda mais próximos das noções de espaço vivido e lugar, pois indicam o espaço que é entendido a partir das sensações e significações que atribuímos e incorporamos a ele cotidianamente. Referem-se aos sentimentos que temos perante o espaço com base no que projetamos dele na nossa imaginação, projeção essa que é fruto da nossa experiência individual, mas também da cultura e das experiências coletivas que aprendemos e absorvemos ao longo da vida.

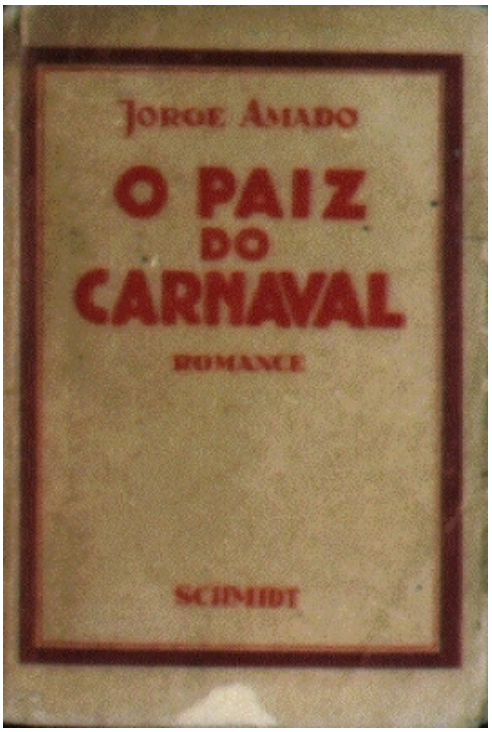
Em suma, podemos perceber que os conceitos de lugar e espaço vivido estão intimamente relacionados entre si, evocando aspectos que os atrelam à Geografia Fenomenológica, Humanista e Cultural e são os conceitos adequados à análise proposta sobre o livro Mar Morto, de Jorge Amado, repleta de subjetividades.

4. JORGE AMADO E O MAR MORTO

Jorge Amado (1912-2001) foi um escritor baiano, considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira e da língua portuguesa, tendo sido agraciado com o Prêmio Camões de Literatura no ano de 1994 (BIBLIOTECA NACIONAL). O escritor, que também foi jornalista e político, publicou cerca de 40 livros, entre eles romances, contos, memórias e outros. Suas obras foram publicadas em mais de cinquenta países e foram adaptadas para a televisão, o cinema, o rádio e o teatro (SITE JORGE AMADO, 2023). Dessa forma, seus personagens e suas histórias tornaram-se parte do imaginário da vida brasileira e, principalmente, do imaginário da vida baiana.

Jorge, que também foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1961, começou suas publicações em 1931, quando tinha apenas 18 anos, com *O País do Carnaval* (Figura 1). Entre as suas obras mais conhecidas estão *Capitães de Areia* (1937), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966). As histórias de suas obras se situam, na grande maioria, em Salvador ou na região cacaueira da Bahia, em municípios como Ilhéus e Itabuna.

Figura 1: Primeira edição de O país do Carnaval, Jorge Amado, 1931



Fonte: SITE JORGE AMADO, 2023.

Tendo publicado quase que um livro por ano durante a década de 1930, as primeiras obras de Jorge Amado compõem o quadro de obras ficcionais brasileiras que constituem o movimento literário do *romance de 30* ou *neorrealismo*, caracterizado por obras de ficção realista, com narrativas lineares, que denunciam mazelas sociais e por vezes possuem até caráter panfletário (DACANAL, 2008). O cunho social e político, presentes nas obras iniciais do autor, foi depois substituído por um aspecto mais regionalista nas obras seguintes, complementado por pitadas de humor e sensualidade.

Além do sucesso literário, a vida de Jorge Amado também foi marcada por seus ideais e pela sua vinculação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), onde filiou-se em 1932 e pelo qual tornou-se deputado federal em 1945 (Figura 2). Por essa sua vinculação, Jorge teve diversos exemplares de suas obras incinerados pelo Estado Novo de Vargas e também passou por uma jornada de prisões e exílios (GONÇALO, 2020).

Figura 2: Cartaz da campanha de Jorge Amado para deputado federal, 1945

Fonte: SITE JORGE AMADO, 2023.

Mar Morto é a quinta obra publicada de Jorge Amado e foi lançada em 1936, quando o autor tinha 24 anos. O romance se passa em Salvador da Bahia, sendo, segundo o autor, um “romance da Gamboa de Cima” (AMADO, 2004, p. VIII), área localizada na parte oeste de Salvador, onde o horizonte encontra a Baía de Todos os Santos. A história trata não apenas do amor entre Guma - um mestre de saveiro, nascido e criado no cais - e Lívia - uma moça da cidade -, mas também sobre a vida e as histórias de toda gente da beira do cais de Salvador, do “povo de Iemanjá” (AMADO, 2004, p. 1).

O saveiro (Figura 3), tipo de barco guiado por Guma e outros colegas de cais, é uma embarcação pequena com mastro e vela utilizada para transporte de mercadorias, pesca e/ou turismo e é descrito pelo Museu Náutico da Bahia (MUSEU NÁUTICO DA BAHIA, 2022) da seguinte forma:

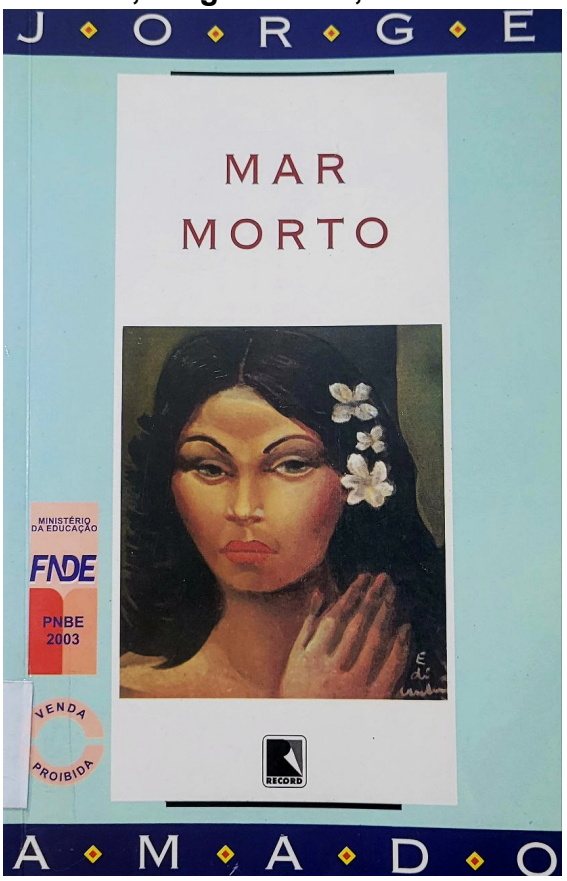
> Tal como o mulato, fruto da miscigenação racial, o saveiro pode ser chamado de genuína invenção baiana. Como tudo aqui, resultando de múltiplas combinações procedentes de várias partes do mundo. O nome, português, vem de savel, peixe abundante nos rios lusos. Sua tecnologia original é oriental, Índia e China, matizada pela cultura ibérica. Mas sua forma definitiva se abaianou, ganhou características locais, tipicidade. E o mais importante, ganhou prestígio e projeção, transformando-se no mais usado meio de transporte do Recôncavo da Bahia durante a maior parte da sua história. [...] Como as jangadas e canoas, porém, mais sofisticado, volumoso e seguro, bem como apto a enfrentar o mar aberto, o saveiro animou nossa vida econômica e cultural, produziu riquezas, empregou milhares de pessoas nas atividades de carpintaria e navegação e serviu de inspiração para escritores, artistas plásticos, fotógrafos e cineastas até desaparecer melancolicamente com o progresso do mundo moderno.

Figura 3: Porto dos Saveiros, Salvador, anos 50

Fonte: Fundação Pierre Verger, 2023.

A obra Mar Morto, que inspirou a telenovela *Porto dos Milagres* (2001) - produzida e exibida pela TV Globo -, é dividida pelo autor em três grandes partes (“Iemanjá, dona dos mares e dos saveiros”, “O paquete voador” e “Mar morto”) e subdividida em diversos capítulos. A história é narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente, que acessa os pensamentos e sentimentos dos personagens e a edição consultada para este trabalho (Figura 4) foi a 85ª edição publicada pela Editora Record, lançada em 2004, com capa de Pedro Costa e ilustrações de Osvaldo Goeldi.

Figura 4: Capa de Mar Morto, Jorge Amado, Editora Record, 2004, 85ª edição



Fonte: Editora Record, 2004.

Mar Morto acompanha principalmente a vida e as aventuras de Guma no cais de Salvador e no mar da Baía de Todos os Santos. Guma é filho e sobrinho de marinheiros e é também um condutor de saveiros, barco que utiliza para transportar mercadorias e de onde tira seu sustento. Na parte inicial do livro, intitulada *"Iemanjá",* é feita uma contextualização sobre a infância de Guma e sobre sua vida no cais e começa também a se desenrolar seu envolvimento com Lívia, uma moça da cidade com quem ele vem a casar.

Nesta primeira parte, conhecemos algumas das histórias e das canções que correm no cais e, para além de Guma, ficamos sabendo também sobre seus colegas de cais, outros marinheiros e mestres de saveiros, como seu tio Francisco, seu amigo Rufino, Mestre Manuel, entre outros. Muito além de serem apenas homens do mar por profissão, estes personagens possuem uma relação profunda com as águas, um vínculo afetivo muito forte com esse espaço que é a base de suas aventuras e tragédias, de suas realizações e dificuldades e de suas canções e inspirações.

O cenário da narrativa constitui-se frequentemente de uma paisagem noturna, com o mar iluminado pelas luzes da lua e do farol, com os homens a navegar pelo mar ou a beber cachaça no cais e com canções ecoando no ambiente, sejam elas vindas das cerimônias de candomblé nas redondezas ou das músicas cantadas no cais sobre a vida dos marinheiros. Nesta parte da narrativa também nos é apresentada a aura de mistério e misticismo que o mar carrega, sendo governado por Iemanjá, que rege a vida, o destino e a morte dos homens que nele vivem.

Para Lívia e para as outras esposas dos marinheiros, vemos que o mar não possui o mesmo encanto que para eles, pois, para elas, o mar representa a angústia e o sofrimento de estar sempre no cais a aguardar o retorno dos maridos ou a notícia de uma tragédia. Especialmente depois de engravidar de Guma, Lívia começa a insistir a ele que larguem a vida no mar para criar o filho na cidade, próximos da família dela.

Na segunda parte do livro, *"Paquete Voador"*, começam maus meses no cais, em que os saveiros estavam fazendo poucas viagens e Guma começa a se ver numa situação de dificuldade financeira. A situação se complica quando Valente, o saveiro de Guma, naufraga numa noite de muito vento. Tendo Guma saído vivo, a família de Lívia, que possui armazéns na cidade, oferece a ele uma quitanda, para que o casal possa finalmente começar uma vida fora do mar.

Apesar das dificuldades financeiras e da boa oferta recebida, Guma não se convence e acaba se endividando para comprar um outro saveiro, no qual ele põe o nome de Paquete Voador, que deseja deixar de herança para o filho. Para quitar as dívidas e pagar o barco, Guma acaba se envolvendo em um esquema lucrativo de contrabando de mercadorias vindas em navios estrangeiros, onde ele transportava essas mercadorias dos navios até o cais.

Lívia, descobrindo sobre esse envolvimento, implora para que Guma abandone a função e vá com ela para a cidade, ao que ele promete que assim que pagar sua dívida, o fará. No entanto, em uma noite de tempestade intensa, Guma sai para um contrabando, levando consigo a bordo do Paquete Voador dois homens, seus contratantes. Durante a tempestade, o barco vira e tubarões se aproximam e, na tentativa bem sucedida de levar a salvo os dois homens que levava consigo até o porto, Guma acaba desaparecendo no mar.

Em *"Mar Morto"*, última parte do livro, Lívia e os companheiros de Guma começam uma jornada de dias e noites para encontrar o corpo de Guma no mar,

mas não obtêm sucesso. O Paquete Voador chega ao cais sem muitos estragos e, depois de consertado, Lívia cogita vendê-lo, mas não consegue, pois sente um grande amor por ele e sente que vendê-lo seria como vender seu próprio corpo e, para ela, ambos pertenciam a Guma e assim não poderiam ser vendidos. O livro encerra então com Lívia saindo a navegar sobre o Paquete Voador numa madrugada e, do cais, os marítimos vendo a cena enxergam nela Iemanjá, saindo a navegar no barco de Guma.

Em suma, temas como a vida no cais, as histórias e as canções dos marinheiros, Iemanjá, o destino e a morte são marcantes no livro, de forma que a narrativa reforça constantemente estes temas e a relevância destes para os personagens. A relação destes temas com os conceitos centrais do presente trabalho, analisada a partir de trechos da obra, pode ser consultada no próximo capítulo.

5. ANÁLISE DA OBRA

Conforme mencionado anteriormente, depois de uma primeira leitura da obra, onde os assuntos mais recorrentes da história ficaram evidentes, a segunda leitura orientou a escolha dos trechos para discussão. Num primeiro momento, diversos trechos foram sublinhados e depois foram passando por um filtro, onde foram selecionados aqueles que melhor descreviam e sintetizavam expressões dos conceitos de lugar e espaço vivido ou os que traziam detalhes diferentes que complementavam essas percepções.

Ao final, foram selecionados então 16 trechos, que apresentam temas como o mar, a vida e a morte dos homens do cais, destino, Iemanjá, canções, entre outros (Figura 5). Esses trechos serão a seguir apresentados e discutidos neste capítulo a partir dos conceitos e autores centrais escolhidos para o trabalho. Como citado no capítulo referente à metodologia, os trechos não serão apresentados na ordem em que aparecem no livro, mas sim apresentados com base em uma organização por conteúdos, de forma a fluir a discussão por assuntos.

Figura 5: Nuvem de palavras das palavras mais recorrentes nos trechos escolhidos

Fonte: Autora, 2023.

5.1. Trechos e discussão

O autor abre a obra com a seguinte chamada (Quadro 5):

Quadro 5: Trecho 1

Trecho 1
"Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia, que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e *dificilmente um homem da terra entende o coração dos marinheiros.*" (AMADO, 2004, p. 1, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

De cara, o autor já anuncia que a percepção e a beleza sobre as histórias e a realidade de que irá tratar não são assimiladas por todos da mesma forma, de modo neutro ou imparcial, pois essa percepção vai depender da vivência geográfica de quem conta a história. Como na definição de espaço relacional de Harvey (2006) apresentada anteriormente, a compreensão de um evento será influenciada por uma carga de fatores externos que são trazidos à cena pela experiência de mundo de cada um.

Ou seja, é evidenciado no Trecho 1 que o que importa na narrativa da história não são apenas os acontecimentos, mas os sentimentos e sentidos atrelados a eles que, nesse caso, têm relação direta com o lugar e o espaço vivido dos indivíduos. Os homens da terra não terão a capacidade de compreender nem de assimilar de forma completa as subjetividades dessas histórias e dessas canções, pois o seu lugar não é o mar e somente os marinheiros ou os homens do mar e do cais compreendem completamente os códigos e a beleza do que está prestes a ser narrado. Em suma, a realidade não é concreta, mas sim baseada na percepção.

No Trecho 2 (Quadro 6), o narrador comenta brevemente sobre a infância de Guma, um filho de marinheiro e mestre de saveiros que é o personagem central do livro, e sua percepção sobre a cidade (no caso a cidade de Salvador):

Quadro 6: Trecho 2

Trecho 2
"Nas noites da sua infância muitas vezes dormiu no tombadilho do saveiro, atracado ao pequeno cais. De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas, estava a cidade. [...] Na cidade tudo era claro e sem mistério como a luz das lâmpadas. No mar tudo era misterioso como a luz das estrelas" (AMADO, 2004, p. 41).

Org: Autora, 2023.

Aqui vemos que a relação de Guma com o cais e com o saveiro vem desde quando ele era criança, tendo passado noites a dormir no barco. Com isso, percebemos que o cais é um *lugar* para Guma e que seu espaço vivido contém esse ponto de encontro entre terra e mar.

Ali, no tombadilho do saveiro atracado ao cais, Guma enxergava de um lado a cidade, clara e sem mistérios, iluminada por luzes artificiais, e do outro lado o mar, iluminado pelas estrelas e cheio de mistérios. Sobre o espaço aquático, Dardel (1952, p. 21) descreve que de fato este possui um mistério que exerce um fascínio sobre os homens:

> Por sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação. Há uma palavra que encanta, uma substância que atrai. Palavra discreta ou turbulenta, acariciante ou ameaçadora, que dá ao rio ou ao mar uma personalidade.

Dardel (1952, p. 22) ainda complementa afirmando que "é ao homem, antes de tudo, que se dirige a escrita movente das águas. Ele é o único ser para o qual pode ter um significado. Sem a presença do homem o mar não passa de um eterno monólogo".

No Trecho 3 (Quadro 7) fica ainda mais explícita a fascinação de Guma pelo mar e é declarada a sua identificação com ele, em detrimento da identificação com uma vida na terra:

Quadro 7: Trecho 3

Trecho 3
“E na terra não há Iemanjá, não há as festas de D. Janaína, não há música tão triste. *Nunca a música da terra, a vida da terra, tentou o coração de Guma. Mesmo na beira do cais nunca se contou uma história que referisse o caso de um filho de marinheiro ser tentado pela vida calma da cidade.* [...] Bem que um homem pode ser tentado a ir pelo mar para outras terras, isso sim. Mas a deixar seu saveiro pela vida de terra, isso, só com uma gargalhada e um trago de cachaça se pode ouvir.” (AMADO, 2004, p. 41, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

A vida dos marinheiros é diferente da vida dos homens da terra, os homens do cais cantam canções e celebram coisas diferentes das que fazem os homens da cidade. Embora tecnicamente todos sejam habitantes de um mesmo município,

Salvador, seus lugares e seus espaços vividos são distintos, sua realidade geográfica difere.

De acordo com Dardel (1952, p. 34):

> A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade.

Toda a realidade geográfica de Guma aponta para o cais e para o mar, desde sua infância, seu local de trabalho, seu horizonte, seus deslocamentos, sendo este o ambiente que atrai sua presença. A ele não interessa a vida da terra, da cidade, esta nunca tentou o seu coração, e isso não é um sentimento unicamente dele, mas provém também de uma afirmação coletiva proferida por todos os marinheiros daquele cais: nunca se ouviu falar de marinheiro tentado a deixar o mar pela vida da cidade.

No Trecho 3 fica evidente que existe uma experiência e uma percepção coletivas que são reafirmadas pelas histórias e pelas canções que se contam e cantam no cais, que alimentam uma identidade vinculada àquele espaço e àquela vivência. Às percepções e aos sentimentos individuais sobre o espaço vivido, soma-se também tudo aquilo que é transmitido através da oralidade pelos pares de Guma, os outros marinheiros. Nesse sentido, vemos que no Trecho 3 a vida na cidade é definida como calma quando contraposta com a vida no mar, isso porque o mar, para esses marinheiros, é fonte inesgotável de aventuras, de histórias, de mistérios, etc.

No Trecho 4 (Quadro 8), confirma-se que os homens do cais não se vêem pertencentes à cidade:

Quadro 8: Trecho 4

Trecho 4
“[...] um navio, uma canoa, um saveiro, uma tábua, *qualquer coisa sobre o mar, é a pátria desses homens do cais*, do povo de Iemanjá.” (AMADO, 2004, p. 62, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

A pátria dos homens do cais é o mar, não o seu país, nem sua cidade e nem mesmo o cais. Não importa que conheçam apenas uma fração diminuta da

superfície desse mar, é a ele que pertencem. "O lugar existe em escalas diferentes. Em um extremo, uma poltrona preferida é um lugar; em outro extremo toda a terra" (TUAN, 1983, p. 165) e, nesse caso, todo o mar, que é não apenas lugar, mas também pátria.

Como afirma Tuan (1983, p. 21), "é uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, [...] dos quais eles só podem ter uma experiência direta limitada". Embora eles não tenham vivenciado a totalidade desse espaço, eles sentem que o conhecem através dos símbolos e imaginários que atribuem a ele, gerados a partir dessa experiência limitada. “Os pequenos mundos da experiência direta são bordejados por áreas muito mais amplas conhecidas indiretamente através de meios simbólicos” (TUAN, 1983, p. 99).

Assim, o lugar desses sujeitos é o mar, seu espaço vivido é sobre qualquer coisa que flutue sobre as ondas do mar e sua paisagem é o horizonte infinito do mar. Com isso, Guma e os outros marinheiros são praticamente estrangeiros na própria cidade, pois não se veem vinculados a ela.

Nos Trechos 5 (Quadro 9) e 6 (Quadro 10), observamos que o narrador indica que não apenas os marinheiros possuem afeição pelo mar, mas insinua que o mar também retribui essa afeição:

Quadro 9: Trecho 5

Trecho 5
“*O mar é amigo dos mestres de saveiro*. Pois o mar não é a estrada, não é o caminho, não é a *casa* deles todos?” (AMADO, 2004, p. 18, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

Quadro 10: Trecho 6

Trecho 6
“O mar é amigo, *o mar é doce amigo para todos aqueles que vivem nele*.” (AMADO, 2004, p. 19, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

Mais uma vez o mar é a *pátria*, é a *casa* deles, mas agora também o mar é *amigo* deles. Esses trechos evocam a noção de topofilia de Tuan (2012, p. 19), o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, mas vão além disso,

atribuindo uma personalidade e uma vontade própria ao mar, a vontade de ser amigo e acolhedor a esses sujeitos que o experienciam. "O vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confidência, [...] entre o homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser." (DARDEL, 1952, p. 6).

Sobre a atribuição desse vocabulário afetivo, Dardel (1952, p. 6) ainda afirma:

> [...] a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. É naturalmente que falamos de rios *majestosos* ou *caprichosos*, de torrentes *fogosas*, de planícies *risonhas*, de relevo *tormentoso*.

A experiência interior desses homens do cais, desse *povo de Iemanjá*, se relaciona e é permeada diretamente pela sua interação com o mar. Podemos inclusive afirmar que “não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6). Ele se conhece através dessa sua experiência geográfica e social se dá essencialmente com o mar - que, para além de ser um lugar é também um amigo -, com Iemanjá e com os outros marinheiros. Como veremos nos Trechos 7 (Quadro 11), 8 (Quadro 12), 9 (Quadro 13) e 10 (Quadro 14), não existe, por parte desses sujeitos, a possibilidade ou a ambição de expandir essa experiência humana e geográfica para outros horizontes ou realidades, visto que o destino deles é junto mar:

Quadro 11: Trecho 7

Trecho 7
“Eram muitos os meninos como ele no cais, agora homens nos saveiros. Não esperavam grande coisa da vida: viajar sobre as ondas, ter um saveiro seu, beber no Farol das Estrelas, fazer um filho que seguisse seu destino e ir um dia com Iemanjá. Bem que canta uma voz no cais nas noites mais belas: *É doce morrer no mar…*” (AMADO, 2004, p. 44).

Org: Autora, 2023.

Quadro 12: Trecho 8

Trecho 8
“Doutor nunca saíra da beira do cais. No entanto já haviam saído maquinistas, foguistas e, até, um progrediu tanto que chegou a telegrafista de um navio de passageiros. [...] *O destino deles já estava traçado.* Era a proa de um saveiro, os remos de uma canoa, quando muito as máquinas de um navio, ideal grandioso que poucos alimentavam. [...] os meninos do cais não vão às Faculdades. Vão para os saveiros e para as canoas” (AMADO, 2004, p. 38, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

Quadro 13: Trecho 9

Trecho 9
“Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram, que *seu destino é esse*. *O mar é dono de todos eles*. Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem.” (AMADO, 2004, p. 13, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

Quadro 14: Trecho 10

Trecho 10
“Destino deles é esse: virar no mar.” (AMADO, 2004, p. 21).

Org: Autora, 2023.

Esse lugar fornece a eles uma identidade, uma vivência, uma ocupação e um destino, e o destino é permanecer atado a este espaço, o mesmo espaço vivido desde a infância até a morte. A compreensão desse destino, que é reafirmado continuamente no romance, através das histórias e das canções, não os assusta nem os impele a buscar algo diferente, pois para quem tem o mar como seu lugar, sua pátria e sua casa, essa vida e esse destino bastam.

Como mencionado no Trecho 7, no cais se canta que *é doce morrer no mar,* portanto, o marinheiro que morre no mar está cumprindo com gosto o seu destino final, que lhe foi atribuído no momento em que nasceu naquele cais como filho de outro marinheiro. A satisfação desses homens está justamente em cumprir esse destino, *viver* no mar até um dia *virar* no mar e ir com Iemanjá.

No Trecho 11 (Quadro 15), entendemos um pouco mais sobre o que a morte no mar simboliza para os homens do cais, o *povo de Iemanjá*:

Quadro 15: Trecho 11

Trecho 11
“Ela é a mãe-d'água, é a dona do mar, e, por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. Ela castiga. *Ela nunca se mostra aos homens, a não ser quando eles morrem no mar.* Os que morrem na tempestade são seus preferidos. E aqueles que morrem salvando outros homens, esses vão com ela pelos mares em fora, igual a um navio, viajando por todos os portos, correndo por todos os mares. Destes, ninguém encontra os corpos, que eles vão com Iemanjá. *Para ver a mãe-d’água, muitos já se jogaram no mar sorrindo e não mais apareceram*.” (AMADO, 2004, p. 15, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

Mar Morto não trata os marinheiros como homens religiosos, no entanto, fica clara a devoção deles à Iemanjá, divindade iorubá associada aos mares. “Ela é sereia, é a mãe-d'água, a dona do mar, Iemanjá, D. Janaína, D. Maria, Inaê, Princesa de Alocá” (AMADO, 2004, p. 63). Sendo assim, o mar e a morte no mar adquirem um caráter sagrado para esses homens. “O espaço sagrado é um espaço demarcado e diferenciado pelo simbolismo que possui” (ROSENDAHL, 1995a, p. 98) e constitui-se assim como um lugar, visto que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151).

Segundo Rosendahl (1995b, p. 63), “espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou” e o Trecho 11 expressa claramente a condição sagrada desse espaço marítimo para os personagens. Rosendahl (1995b, p. 63) ainda afirma que “todo o lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional do devoto" e isso fica evidente no Trecho 11: todos amam e temem Iemanjá, pois ela castiga, mas também recompensa aqueles que morrem no mar.

Por essa devoção, o narrador revela que muitos inclusive já se jogaram ao mar, visto que morrer ali é a garantia de encontrarem-se com aquela que é a “dona” desse espaço sagrado, que os levará para navegar por todos os mares. No entanto, para além do Trecho 11, alguns trechos apresentados anteriormente também já apontavam para esse *sentido de obrigação intrínseca* e para esse *compromisso emocional* ao mencionar como o destino já traçado aos homens do cais determina o modo de vida deles, um modo de vida que é completamente devoto ao mar.

Em contraponto com essa devoção e esse compromisso dos homens com o mar que vimos até agora, os Trechos 12 (Quadro 16), 13 (Quadro 17) e 14 (Quadro 18) apresentam as percepções das mulheres do cais, esposas dos marítimos, sobre esse lugar:

Quadro 16: Trecho 12

Trecho 12
“A letra desta velha canção diz que *desgraçada é a mulher que vai com um homem do mar*. Sorte boa ela não terá, infeliz destino é o seu. Seus olhos não pararão jamais de chorar, e cedo murcharão de tanto se alongarem para o mar, esperando a chegada de uma vela.” (AMADO, 2004, p. 20, grifo nosso).

Org: Autora, 2023.

Quadro 17: Trecho 13

Trecho 13
“Qual deles já teve um fim de vida igual ao dos homens da terra que acarinham netos e reúnem as famílias nos almoços e jantares? [...] Quando se despedem das mulheres não dão rápidos beijos, como os homens da terra que vão para os seus negócios. Dão adeuses longos, mãos que acenam como que ainda chamando.” (AMADO, 2004, p. 13).

Org: Autora, 2023.

Quadro 18: Trecho 14

Trecho 14
“Lívia pensa com raiva em Iemanjá.” (AMADO, 2004, p. 15).

Org: Autora, 2023.

Vemos então um grande contraste: enquanto que para os homens do cais o mar é doce amigo, para as mulheres do cais o mar representa angústia, sofrimento, desgraça, etc. As mulheres da história não comandam navios, saveiros e canoas, no máximo navegam pelas ondas a passeio nos barcos de seus maridos. Sendo assim, elas não desenvolvem a mesma afeição, o mesmo sentimento de pertencimento ao mar e a mesma devoção à Iemanjá.

Para elas, o mar evoca sentimentos topofóbicos: medo, incertezas e a grande possibilidade de acabar precocemente com a vida de seus companheiros e de seus filhos. Pois quantos são os homens do mar que morrem de velhice, ao lado da família? O destino deles é ir encontrar Iemanjá e é assim, para a desolação delas, que eles desejam que se cumpra.

Por fim, os Trechos 15 (Quadro 19) e 16 (Quadro 20) encerram este capítulo de análise da obra:

Quadro 19: Trecho 15

Trecho 15
“[...] todo o barco tem o nome do seu porto na proa. Pode andar por outros, pode viajar muitos anos, mas não esquece o seu porto, voltará a ele um dia.” (AMADO, 2004, p. 88).

Org: Autora, 2023.

Quadro 20: Trecho 16

Trecho 16
“Um marinheiro vem morrer no seu porto, junto dos seus saveiros e dos *seus mares*. A não ser que morra no mar. Assim mesmo, vem logo com Iemanjá ver a lua do seu cais, escutar as cantigas da sua gente.” (AMADO, 2004, p. 35, grifo nosso).

Org: Autora (2023).

Apesar de termos visto até agora que o mar é a pátria dos marinheiros, no Trecho 16 vemos que seus *lugares* estão mais precisamente nos *seus mares*, aqueles mares próximos aos seus portos. Sobre esse ancoramento afetivo, Tuan 1983, p. 174 e 175) discorre:

> A sociedade moderna tem seus nômades - andantes, trabalhadores migrantes e marinheiros mercantes, entre outros. Quais são as consequências do desarraigamento? Eles anseiam por um lugar permanente, e se o fazem, como se expressa este anseio? Os trabalhadores migrantes e suas famílias se adaptam à vida nômade por necessidade e não por escolha. Os marinheiros mercantes, ao contrário, optam pelo mar e pelas viagens constantes. [...] O navio é o seu lar, os companheiros sua família; no entanto parece que anseiam por uma localidade permanente como uma âncora para sua imaginação quando estão em alto-mar.

Diferentemente de outros tipos de nômades, os marinheiros adotam essa vida por escolha, mas, a despeito de desfrutarem essa vida em movimento, anseiam também por um local a qual sua imaginação e seu barco possam voltar. Em Mar Morto, um marinheiro pode navegar por outros mares longínquos por anos, mas é certo que um dia voltará.

Um dos personagens, Chico Tristeza, foi navegar para as “bandas do sem fim”, mas que ele voltava, ninguém tinha dúvida, pois um marinheiro vem morrer no porto, nos *seus mares,* e seu barco leva o nome de seu porto para que ele nunca o esqueça. Caso aconteça, porventura, de não morrer em *seus mares*, ainda assim um marinheiro morre no mar, encerrando assim seu ciclo, cumprindo seu destino e saindo a navegar com Iemanjá.

A partir dos trechos analisados, pode-se concluir que o espaço vivido e lugar para os marinheiros da narrativa é o cais, o espaço aquático, o horizonte do mar, seus saveiros e os mares em que eles navegam, ao invés das terras em que eles pisam ou já pisaram. No entanto, pode-se perceber também que o elo que os une a essa vida no mar não é apenas afetivo, mas também condicionado por uma

condição social deste grupo de marinheiros, que não os permite ascender para outros estratos sociais mais elevados, restringindo-os a reproduzir o destino traçado para eles já na infância, como evidenciado nos trechos 7 (Quadro 11) e 8 (Quadro 12).

Seus destinos atados a tal lugar são determinados politicamente e reforçados afetivamente, ou vice-versa. De qualquer modo, restando a eles apenas a conformação em seguir esse destino, aceitam-no e atribuem a este espaço vivido e a este lugar as diversas significações já relatadas. Embora seja uma obra de ficção, o romance não deixa de apresentar verossimilhança com a realidade, retratando um grupo e um espaço reais e apresentando uma possível relação de entendimento e assimilação da experiência geográfica entre os mesmos, com uma narrativa que traz acontecimentos e subjetividades que não fogem do que acontece fora da ficção, não apenas neste, mas nos mais diversos espaços geográficos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou a relação entre a Geografia Fenomenológica e a literatura nacional utilizando-se, para isso, dos conceitos de lugar e espaço vivido aplicados ao romance Mar Morto. Como abordado no capítulo introdutório, existe uma descoberta particular do mundo e da realidade geográfica que precede a ciência, uma vivência e uma descrição dos espaços vividos e dos lugares que vêm da própria experiência e não dos métodos científicos, ou seja, uma *geo-grafia* que vem antes da Geografia.

Nesse sentido, a contribuição da literatura para o entendimento da Geografia Fenomenológica é ser um canal de expressão dessas descobertas do mundo e das vivências sobre uma realidade geográfica, sendo um registro escrito da forma que os personagens-sujeitos pensam e interagem com seus espaços vividos e lugares, sendo estes fictícios ou não. Quando se trata da abordagem fenomenológica, é justamente sobre essa expressão primeira - a experiência vivida -, que se fará a expressão segunda - a ciência, que neste caso é o estudo dos fenômenos e da percepção.

Com isso, o que foi feito neste trabalho foi analisar a descrição da experiência geográfica vivida pelos personagens e, sobre o olhar da Geografia, extrair os trechos que evocam aquilo que se relaciona com os conceitos de lugar e espaço vivido dentro da ciência geográfica, gerando uma análise e uma síntese geografizada da leitura. Em suma, traduziu-se a experiência cotidiana, expressa em arte, em ciência.

Por fim, espera-se que este trabalho possa servir como exemplo ou inspiração para outros geógrafos e geógrafas que desejem também explorar a abordagem fenomenológica, os conceitos de lugar e espaço vivido ou a possibilidade de trabalhar a Geografia por meio de manifestações artísticas, seja através da literatura, da música, do cinema ou de outras expressões da arte.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Jorge Amado - Biografia**. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/biografia. Acesso em: 09 fev. 2023.

AMADO, Jorge. **Mar Morto**. 85 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Biblioteca Nacional. **Prêmio Camões de Literatura**. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura. Acesso em: 09 fev. 2023.

CLAVAL, Paul. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: Edufba, 2008. p. 13-29. Disponível em: https://static.scielo.org/scielobooks/bk/pdf/serpa-9788523211899.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. 4. ed. Porto Alegre: Besourobox, 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. **Jorge Amado**: biografia. Disponível em: https://www.jorgeamado.org.br/sobre/. Acesso em: 09 fev. 2023.

GONÇALO, Carolina Rehling. **Entre ruas e mistérios**: Geografia e Literatura nas obras urbanas de Jorge Amado. 2020. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214654. Acesso em: 9 fev. 2023.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Geographia**, [S.L.], v. 14, n. 28, p. 8-39, 29 abr. 2013. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. http://dx.doi.org/10.22409/geographia2012.v14i28.a13641.

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 281-304.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Érika Vanessa. A PESQUISA QUALITATIVA EM GEOGRAFIA. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 37, p. 27-55, ago. 2015. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708. Acesso em: 08 fev. 2023.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227-247.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set/dez. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795/3949>. Acesso em: 13 set. 2022.

MARANDOLA JR, Eduardo. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. XIII-XVII.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023

MUSEU NÁUTICO DA BAHIA. Exposição permanente: **Saveiros, jangadas e canoas**. Visitado em 10 de out. de 2022.

NASCIMENTO, Marlúcio Tavares do. MÉTODO, METODOLOGIA E ESTUDO DE CASO COMO MODALIDADE DE PESQUISA. **Ícone**: Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 147-162, jul. 2008. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5136. Acesso em: 08 fev. 2023.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: MARAFON, Glaucio José *et al* (org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 23-35. Disponível em: https://books.scielo.org/id/hvsdh/pdf/marafon-9788575114438.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e Religião. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 20, p. 96-99, dez. 1995a. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184/24567. Acesso em: 23 mar. 2023.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e Religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 45-74, out. 1995b. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3481/2411. Acesso em: 23 mar. 2023.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SITE JORGE AMADO. **Vida - Jorge Amado**. Disponível em: http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3. Acesso em: 09 fev. 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Lugar e (re[s])significação espacial. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p. Disponível em: https://fundacc.sp.gov.br/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012. 342 p.

VERGER, Pierre. **Porto dos Saveiros, Salvador, Brasil**. Anos 50. 1700 x 1700 pixels. Disponível em: http://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/fototeca/category/532-port-des-saveiros.html. Acesso em: 24 mar. 2023.